

Em defesa da especialização

■ Luís Henriques Antunes

O 1.º Congresso Nacional de Cuidados Paliativos, a realizar entre os próximos dias 17 e 19, já está a exceder as expectativas mais optimistas. Segundo a Dr.ª Edna Gonçalves, da Comissão Organizadora, a menos de duas semanas do encerramento das inscrições, os 500 lugares disponíveis no auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, já estão preenchidos. Para a Dr.ª Edna Gonçalves, que também coordena a Unidade de Cuidados Continuados, (UCC) do IPO do Porto, o interesse demonstrado pela comunidade médica portuguesa «é sinónimo» da sua atenção à crescente importância dos cuidados paliativos nos serviços de saúde.

«Ainda hoje (dia 9 de Novembro) nos chegam pedidos de pessoas que querem inscrever-se no Congresso. Para o ano, vamos ter que alugar um espaço muito maior. Há cerca de 15 dias, já tínhamos devolvido mais de 150 inscrições...», revelou a médica ao «TM», acrescentando que, em Portugal, se começa a despertar para uma realidade que há muito tempo é reconhecida e monitorizada em outros países ocidentais.

De acordo com a Dr.ª Edna Gonçalves, a iniciativa tem como objectivo «dar a conhecer à população aquilo que

se faz neste campo da Medicina», pondo, na sua óptica, em relevo os conhecimentos científicos requeridos para exercer em cuidados paliativos e sua subsequente «especialização». A médica da UCC do IPOportuense «lamenta», no entanto, que esta vertente da especialização «ainda não seja inteiramente conhecida por muitos dos profissionais de saúde portugueses»; a seu ver, continuam a perdurar algumas lacunas na formação dos técnicos superiores de saúde nesta área. «Há muitos profissionais de saúde que afirmam que fazem cuidados paliativos, quando, na verdade, ainda temos muito terreno a desbravar para atingirmos os níveis de excelência exigidos», acrescentou a Dr.ª Edna Gonçalves, salientando que «os médicos devem fazer um controlo dos sintomas e do bem-estar dos doentes, ficando, posteriormente, os casos mais complicados para as unidades específicas de cuidados paliativos».

Sensibilizar os decisores e a população

Em relação à falta de unidades de cuidados paliativos em Portugal, a Dr.ª Edna Gonçalves defende que a sua criação deve ser uma das prioridades do SNS e não levanta grandes obstáculos à entrada dos sectores privado e social nesta área. «Com a privatização da

Medicina em curso, foram criadas as condições para que os organismos privados (Grupo Mello, o BES, as misericórdias, entre outros) possam ajudar neste domínio», misericórdias, entre

A rentabilidade desta vertente da Medicina é «uma questão a estudar» diz a especialista, acrescentando que «deve ser o Estado a desenvolver os cuidados paliativos - se queremos cuidados paliativos universais e alargados a todas as populações, eles deverão ser dinamizados pelo Ministério da Saúde, embora os grupos privados possam tirar alguns dividendos (económicos), colaborando com o Estado».

Alguns dos mais conhecidos especialistas mundiais vão participar neste congresso nacional (e demonstrar que os cuidados paliativos requerem formação médica específica), designadamente o Dr. Xavier Gómez-Batiste, do Instituto Catalão de Oncologia (Barcelona, Espanha), que segundo a Dr.ª Edna Gonçalves, «é das pessoas mais experientes do mundo na organização de unidades paliativas», e a Dr.ª Sharon Carstairs, Senadora do Canadá, um dos países mais avançados no desenvolvimento de redes de cuidados paliativos.

Versão alargada em www.tempomedicina.com
(Edição Semanal e Arquivo «TM»)